

JESSICA BITTENCOURT BARRETO

CATARZE-ME

Práticas Performativas para Cavar Bem Dentro de Si

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de licenciatura em Teatro, sob orientação de Mesac Silveira

Porto Alegre

2014

Agradeço...

à minha mãe, mãezinha linda, Rita Madalena Bittencourt, que se esforçou para que eu tivesse acesso a um ensino superior, grata pelo amor e dedicação ao longo dos anos;

Ao anjo Mesac Silveira, meu (des)orientador que foi mais que parceiro nessa jornada, que me instigou à reflexão, me incitou questionamentos e que me olhou com olhos generosos e cheios de sensibilidade artística;

A Karoline Lima, pelas experiências que viraram memória & poesia em mim;

Aos meus queridos alunos Giovana, Amon, Jade, Eduarda, Leonardo e João por compartilharem seus anseios e suas vontades comigo e se permitiram mergulhar em si e nos outros;

A Virgínia Lopez de Gonzalez, pelo esforço frente à escola e por ser essa pessoa cheia de carinho e respeito para com os pequenos;

Ao Prof. Dr. Edson Souza por ser tão inspirador e admirável como docente, sempre com olhos apaixonados pela vida e pela arte;

A Déia Proença, pelas reflexões que me causa, mesmo de longe;

À Beta Pires pela escuta no olhar;

À Sirvana Errodrigues, por me olhar com olhos de bem-querer e por me fazer permitir o erro e mais do que isso: querer o erro. R+!;

Aos meus colegas de “pensar” que me ajudaram a encontrar parceiros teóricos nessa caminhada: Lucca Simas e Luis Fabiano de Oliveira;

A Daniel Colin, Guadalupe Casal e Ricardo Zigomático pela experiência transformadora e pelo espaço de generoso e excitante que é o Teatro Sarcástico;

Ao meu parceiro de vida & arte, hierofante, Kevin Brezolin pela troca transartística constante desde 2010;

Aos meus dois infinitos Guilherme Zanella e Bruno Fernandes: PELA EXISTÊNCIA HUMANIZADORA;

Aos colegas de Maloca, Manuela Miranda, Lorenzo Soares, Leonardo Jorgelewich, Kyky Rodrigues, Camila Falcão e Gabriela Chaves, pela paciência ao longo do semestre e pela amizade tão singular;

Ao meu irmão guerreiro Eduardo Bittencourt, por me olhar com os olhos brilhantes e ainda me chamar de “mana”;

Àqueles que me fazem transbordar: Madalenna Leandra, Catharina Conte, Renata Retamozzo, Alexandre Borin Antunes, Lauro Fagundes, Suzane Cardoso;

À Roberto Gómez Bolaños por sua alegria transportada para TV. Gratidão infinita a essa eterna criança que junto com outro gigante, Manuel de Barros, se foi esse ano, mas deixou um legado de arte e vida. Gratidão infinita às duas existências mais lindas que meu coração escolheu para amar;

Àqueles que transbordam comigo.

À um “eu” do futuro que olha para essas linhas e pensa que poderia ser diferente... sempre pode. E tudo bem, ok?

À você que me lê.

Gratidão!

“Me sinto estranhamente entusiasmada; um tipo simulado de entusiasmo, porque não estou possuída por um deus externo, mas possuída por mim mesma, jorro a mim mesma, me transbordo.”

Mesac Silveira

RESUMO

É possível acessar camadas desconhecidas de si? Apoiando-se na não-intencionalidade e no caráter místico da arte da performance (Glusberg, 2009), a pesquisa reflete sobre a criação intuitiva, debruçando-se sobre o fluxo criativo e ressignificando-o, a partir do material oriundo da oficina "CatarZe-me", realizada com alunos de 13 à 15 anos em uma disciplina complementar de "Cinema", na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo, em Porto Alegre (RS). Busca-se o auto-confronto e a purgação através da criação. É permitir que se abra uma caixa de Pandora e deixar que os demônios dançam (Gomés-Peña, 2005). É mais do que se por em estado de criação fluida, mas se EXpor, não como *homo sapiens*, mas como *homo vulnerabilis* (Berger *apud* Glusberg, 2009), "criatura cujo corpo sofre o duplo trauma do nascimento e da morte".

Palavras-Chave: Performance. Pedagogias do Teatro. Presença. Vida e Arte.

ABSTRACT:

It's possible to access our unknown layers? Holding on the non intentionality and in the mystic character of the performance art (Glusberg, 2009), this study reflects about the in intuitive criation, laying over the criative flow and re-meaning it, starting from the material obtained in the workshop "CatarZe-me", released with 13 to 15 years old students in complementar lecture of "Cinema" in Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo, at Porto Alegre (RS). It search for the self confront and the purgation through criation. Letting that open a Pandoras Box and the letting the demons dancing (Gomês-Peña, 2005). It's more than put yourself in a state of fluid criation, but to EXposse, not as a *homo sapiens*, but as *homo vulnerabilis* (Berger apud Glusberg, 2009), "creature whose body suffer the double trauma of birth and death".

Keywords: Performance. Theater Pedagogy. Live and Art.

ZUMÁRIO

CATARZE-ME.....	Pg.8
Pg.14	EM TRÂNSITO
EXpoSIção – O (Des)conhecido de SI.....	Pg.14
Pg.16.....	EM TRÂNSITO – Arte e Afeto
Percebo o Mundo e a Mim Mesmo no Mundo.....	Pg.17
Pg.21	EM TRÂNSITO - Afeto e Criatividade
EXperiência e EXposição.....	Pg.21
Pg.23	EM TRÂNSITO - O afeto desdobrado na Prática
<i>Brainstorm: As Coisas Pessoais Também São Políticas</i>	Pg.23
Pg.25	EM TRÂNSITO – Infância e Ritual
CatarZe in video	Pg.26
Pg.27	EM TRÂNSITO – Agora Eu Era
CatarZe in vídeo II	Pg.28
Pg.29	EM TRÂNSITO - Agora Eu... Já Não Sou Mais O Que Um Dia Fui
CatarZe in vídeo III	Pg.30
Pg.30	RELATOS CATÁRTICOS
EM (TRÂNS)ITO – TRANSFORMO TRANSMUTO	
TRANSCRIO E REINVENTO.....	Pg. 32
REMATE EM MOVIMENTO.....	Pg.36
REFERÊNCIAS	Pg.38

CatarZe-Me

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra *catarse* pode significar:

- 1 Palavra pela qual Aristóteles designa a "purificação" sentida pelos espectadores durante e após uma representação dramática.
- 2 Método psicanalítico que consiste em trazer à consciência recordações recalçadas.
- 3 Libertação de emoção ou sentimento que sofreu repressão.
- 4 Evacuação dos intestinos.

Patrice Pavis define *catarse* como aquilo “assimila a identificação a um ato de evacuação e de descarga afetiva”(PAVIS, 1996), no seu dicionário de teatro. Eu me apego a essa definição, e principalmente às palavras identificação e evacuação, como a mola propulsora OU introjetora OU expurgadora da criação: desloco o significado médico, do ato de evacuar os intestinos, para toda a necessidade, biológica, emocional e psicológica do ser humano, de evacuação.

Nas tragédias gregas a *catarse* acontecia pela representação teatral. Há identificação do espectador com o herói trágico: há a purgação através do outro. *CatarZe-me: práticas performativas para cavar bem dentro de si* propõe a purgação por meio da experiência: compartilhada e/ou íntima.

Quando o espectador assistia a um espetáculo de tragédia viam representadas no palco as paixões das quais, a partir da identificação, lhe causavam a *catarse*. A fim de ilustrar, recorro a cena da peça *As Bacantes, de Eurípedes* na qual as bacantes atenienses, adoradoras do Deus Dionísio, estão na floresta, em transe, e brincam com serpentes, dão os seios aos cabritos e aos filhotes de lobos. A natureza se dá com generosidade: o mel corre das árvores, a fonte brota do rochedo e o vinho jorra do chão. Se virmos esse cenário, não como uma representação organizada no palco da polis, mas, muito antes disso, analisando a situação enquanto acontecimento mítico, as bacantes estão em experiência de *catarse*: o rito abarca uma liberdade para o “desvio”, para experiência. Promove a sensação de estreia. Envolve a mim e ao outro. Mas transcende o coletivo. A identificação acontece muito mais próxima à carne do que no espectador da tragédia.

CatarZe-me é a experimentação para o esvaziamento do corpo estranho de dentro de mim. É o vômito poético. Criar é ação-reação-reação-ação-ração-ação-sãosão. Criar é descobrir e expurgar por meio da experimentação. Descobrir-se. Cobrir-se e redescobrir-se. Redefinir-se. E penetrar-se. E invadir-se. E invadir o outro por meio da experimentação. E as fronteiras entre eu-outro-arte-e-vida se diluem em meio à potência da experiência. Exorcizar os demônios que se mantinham escondidos mas que vem a tona pelo pelo fluxo criativo, pela livre associação de idéias, pela criação automotiva, pela presença dilatada...

Para isso proponho a experiência da criação a partir de um rito sem mito (CLARK apud PERFORMATUS), uma religião sem doutrina, um cavar dentro de si e esvaziar os intestinos, ao mesmo tempo que reflete o mundo fora dos órgãos vitais, pois afinal “não há nada pessoal, porque o corpo é ele também moldado pela política”(PAVIS, 2007 p.137). Os atravessamentos são corriqueiros: estamos imersos numa mesma cultura e somos consequência de uma mesma história. *CatarZe-me* é permitir o movimento em direção ao desconhecido que me habita e que também habita o outro. Descentrar de si e voltar a mergulhar em trânsito contínuo. Descolonizar os nossos corpos para que possamos nos reinventar através da arte. Tal como diz Lygia Clark sobre a o que é essencial na arte: recriar-se através dela. (CARNEIRO apud PERFORMATUS). A experiência compartilhada se dá numa via de mão dupla: ao mesmo tempo que desvendamos a nós mesmos, desvendamos o outro que também fica nu e exposto na prática performativa. Uma “Antropologia Invertida”(PAVIS, 2007 p.143) que estuda o observado, mas também o próprio observador. E isso se dá em um fluxo contínuo. Por isso *CatarZe*, assim com Z. O mesmo Z do alfabeto de Guilles Deleuze. O de zigue-zague, de fim e de recomeço, de continuidade e com a força inauguradora do raio que corta com o sombrio.

Das práticas

As aulas práticas relatadas aqui são no total de 8 (oito) encontros com a duração de 1 (uma) hora cada. O local onde essa prática foi desenvolvida é a escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo, situada no bairro

Vila Nova na zona sul de Porto Alegre, das 12h15 às 13h15 na disciplina complementar de “Cinema”, que ministro desde o começo do presente semestre. As aulas que antecederam os encontros descritos aqui focaram num apanhado geral sobre termos técnicos da sétima arte, bem como experimentações com a câmera: a primeira um stop motion com celular; o segundo, com uma câmera semi-profissional, a partir do estímulo do filme “Jogo de Cena” de Eduardo Coutinho, onde em cena apareciam personagens dando um depoimento. Os personagens foram construídos a partir de uma ficha onde cada aluno misturava características suas com ficção, brincando com a idéia de Coutinho no longa-metragem.

A sala usada para o trabalho é o auditório da escola, equipada com computador, internet, projetor e *home theatre*, de um tamanho razoável para se trabalhar com teatro. Há cadeiras ao fundo que nunca são usadas, pois sempre sentamos juntos no chão.

A turma participante é mista: como é uma disciplina complementar entre- turnos, foi preciso se inscreverem para participar – a idade dos alunos varia entre treze e quatorze anos e são no total de sete (três meninos e quatro meninas). Aqui os nomeio como: DU, SE, MO e JA, as meninas; e JO, AM e LE, os meninos.

De começo já há um desafio: trabalhar com cinema. Eu, que nunca tive qualquer experiência aprofundada na área, fui desafiada a ministrar aulas sobre tal tema. A escola disponibilizou um total de 10 exemplares, para uso dos alunos, do livro “CINEMA: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando” do escritor, jornalista e cineasta gaúcho Carlos Gerbase. Com auxílio do livro de Gerbase, iniciamos nossas atividades: discutimos planos e ângulos, corte e plano-sequência e fizemos os experimentos a partir das nossas conversas e de referência visual de vídeos diversos trazidos pelos alunos acessados pelo site *Youtube*.

Enquanto isso o local onde eu pretendia desenvolver as práticas da presente pesquisa não me dava retorno sobre o início das atividades e foi quando tive um estalo. Estava lendo sobre os *vídeo-grafite* de Guillermo Gómez-Peña, editados em 2004 pela Pocha Nostra, analisados por Patrice

Pavis, quando as palavras começaram a fazer mais sentido. Por que não experimentar essa linguagem híbrida com os alunos? Porque não relacionar com a minha prática?

Em sala de aula mostrei vídeos de Guillermo Gómez-Peña, Marina Abramovic e Oliver de Sagazan disponíveis no *Youtube*, ambos artistas que me movem. Conversamos sobre o que foi visto e os questioneei sobre os símbolos e signos presentes nas imagens. Há algumas aulas havíamos trabalhado com imagens oriundas dos sonhos de cada um, então não foi difícil para os alunos começarem a devanear sobre as possibilidades de interpretação numa mesma imagem.

Patrice Pavis analisa alguns dos vídeos do DVD editado pelo La Pocha Nostra (que tem o total de 40 vídeos-grafite com duração de 1 a 3 minutos) e tece algumas observações importantes acerca do discurso do artista.

O sumário do DVD é organizado da seguinte maneira:

1. Politics of Language (Política da Linguagem)
2. Identity Crises (Crises de Identidade)
3. TV Gone Wrong (A TV Tornou-se Louca)
4. Reverse Anthropology (A Antropologia ao Contrário)
5. El Cuerpo Politico (O Corpo Político)
6. Lo Personal Tambien Es Politico (As Coisas Pessoais Também são Políticas)

Patrice Pavis comenta sobre cada um dos itens, que apesar de tratar do mesmo problema, testa ou confirma hipóteses complexas:

1. A linguagem é um passaporte e uma arma.
2. As pessoas andam perturbadas por suas múltiplas identidades.
3. A TV não explica a realidade e sim a confunde.
4. A antropologia ao contrário estuda tanto o observador quanto o observado
5. e 6. No fim nada é pessoal e o corpo é, também ele, moldado pela política.

Apesar de, segundo Pavis, os tópicos dos DVDs tratarem de um mesmo tema, e acredito na ligação entre os tópicos, elenco os itens 4, 5 e 6 para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A antropologia invertida, explanada por Pavis acerca do trabalho de Guillermo Gómez-Peña, dá cor à minha pesquisa pois seu foco de estudo é uma via de mão dupla: estuda tanto o observador quanto o observado. Nesse movimento de zigue-zague, de se colocar também em evidência, que a antropologia invertida conversa com a minha pesquisa.

Quando Pavis afirma que nada é pessoal porque o corpo também é moldado pela política, demonstra esse movimento de inserção de si: pois o meu corpo é também parte de um todo cultural e dialoga com esse tempo e não com qualquer outro, sendo, portanto, objeto de estudo potencial da cultura. Os anseios, também eles, são moldados pela política. As fragilidades, as necessidades (até de ordem biológica) são moldadas pela política.

Quando algo pessoal é exposto, na arte da performance e aqui mais propriamente nas vídeo-performances, o discurso contém um caráter de crítica global. Quem assiste a obra pode sentir identificação com o que é apresentado, gerando a *Catarse*. Ao mesmo tempo, o autor da obra de arte, que expõe seu discurso pessoal e se identifica diretamente com ele, justamente por ser pessoal, também sofre *Catarse*. Então, a hipótese é a antropologia invertida permitir a existência de *CatarZe*.

Outro ponto importante destacado por Pavis é o caráter de ritual nas obras de Guillermo Gómez-Peña. Ritual não no sentido de culto religioso, muito antes pelo contrário, no sentido de um conjunto de normas, costumes, regras culturais. Assim são 3 os pontos norteadores da minha prática:

1. Observar o outro e a mim mesmo (Reverse Anthropology),
2. Me expor (Lo Personal Tambien es Politico)
3. Discursar sobre o que me incomoda/o que me é estranho.

O intuito com esse trabalho na escola é possibilitar o aprofundamento em cima de características pessoais dos participantes, cavando dentro de si e em um movimento de confronto com seus próprios demônios e como os medos se relacionam com o entorno e como o entorno vê isso , e se debruçando sobre esse estranho que me habita criticamente, para daí, então, tirar material para produzir vídeos-performances individuais. Essas vídeo-performances foram expostas na semana cultural da escola, que aconteceu nos dias 11 e 12 de dezembro de 2014.

EM TRÂNSITO

De todas as alegrias que a arte me trouxe, a maior delas está ligada ao prazer imediato e a finalidade em si mesma que ela traz consigo. A sensação de infinitude que dá de estar no palco ou na galeria, ou mesmo na rua, dançando, performando ou apenas existindo de maneira dilatada. Isso tudo sempre me fascinou. Desde bem pequena inventava mundos secretos e fingia ser alguém que eu não era. Me lembro das vezes que fingia estar dormindo dentro do carro, após as compras do mês com meus pais, no auge dos meus quatro anos, apenas para que me levassem no colo até a cama e minha mãe sacudisse o lençol gelado nas minhas pernas gordinhas.

Meu contato com teatro não existiu logo de cara, mas a palavra teatro, o “ser atriz” sempre me acompanhou. A história que a minha mãe me conta é que eu tinha 3 anos, e estava na frente da TV sem piscar. Ela veio me dar uma banana com achocolatado que eu adorava e eu olhei para ela e disse: “Mãe eu quero ser atriz!”.

EXpoSIção - (Des)conhecido de Mim

Cheguei na escola mais cedo para organizar a sala de aula. Liguei o computador e a caixa de som e acendi um incenso para acalantar minha ansiedade. Posicionei a câmera para registro e aguardei a chegada dos alunos. Fui até o lado de fora da sala e os vi colando cartazes nas paredes da escola, algo como “reunião de formatura”. Cumprimentei-os e entrei na sala. Voltei à porta com um bilhete que colei na entrada: “ENTRE em SI(lêncio) menor! Com amor”, e voltei para o interior da sala. O grupo entrou. Em SI(lêncio) maior, agitados. Solicitei que deixassem os materiais nas cadeiras para nos organizarmos um círculo. Olhamo-nos nos olhos. Agradei pela disponibilidade deles para esse mergulho que foge um pouco do olhar mais técnico do cinema que estávamos tendo, mexendo mais intensamente nas nossas próprias questões. Deitados no chão, atentei-os para o peso da gravidade agindo

sobre o corpo e para a sensação da entrega que isso proporciona. Superoxigenação do cérebro: respiração com ritmo aumentando gradualmente. A busca pela tontura, pelo desequilíbrio. MO fica tímida perante o barulho que produz sua respiração. A encorajo, mas ela resiste. AM respira forte desde o princípio. Os demais alunos vão entrando aos poucos na aceleração do grupo. “Quando achar que está tonto, cessa, respira normalmente e vai até o papel pardo colocado no chão. Rabisca o que vir ‘a ponta da caneta’ sem pensar muito!” Vão todos quase no mesmo momento. Rabiscam o papel com garranchos, desenhos e palavras soltas. Os observo. Peço para levantarem e andarem ocupando o espaço. Introduzo a dificuldade de andar e falar “Eu amo...” complementando com algo que ama. “Eu amo uma pessoa”, diz SE logo de início. “Eu amo ser diferente!” diz AM. “Eles estavam envolvidos”, pensei surpresa. Introduzi o estímulo “Eu odeio...” e rapidamente se escutou: “Eu odeio a minha mãe!”, dito SE, aluna homossexual; “Eu odeio padrões.”, disse DU, aluna gordinha e linda; “Eu odeio racismo!”, disse JO, aluno negro. Depois de alguns minutos andando pela sala nos organizamos em círculo e falamos, olhando nos olhos uns dos outros, o que odiamos. “Vão para o papel pardo e escrevam sem pensar!”, solicitei. Observando esse momento vi mais envolvimento corporal do que no primeiro momento da escrita automática: corpos debruçados sobre o papel fazendo movimentos frenéticos. Após cinco minutos pedi para que se afastassem do papel onde todos “vomitavam poesias íntimas” e numa outra folha, escrevessem um texto ou fizessem um desenho, ou se expressassem de alguma maneira a partir da interpretação de tudo o que cada um escreveu, resultando em um trabalho individual. Um olhar sobre si. Sobre o que nos escapa. Escreveram por alguns minutos. Organizados em círculo, sentados no chão, cada um passou seu texto para direita e leu o do colega. Apesar de algumas dificuldades com a caligrafia

diferente da própria, o tom usado foi de carinho para com os ódios e medos do outro colocados no papel.

Ao final conversamos sobre como tinha sido a experiência e eles comentaram que se sentiram expostos, “pelados” falando o que odiavam no mundo, mas que havia sido bom poder falar. SE disse que olhar nos olhos do outro por um tempo maior que um segundo era como “tomar banho e ter alguém do lado de fora do box te olhando!”. Recolhi o material (papel pardo com as duas fases da escrita e o papel com a interpretação sobre o automatismo) e projetei na parede uma vídeo-performance de Guillermo Gómez-Peña, intitulada “Muerte”, onde ele aponta uma arma carregada para o cinegrafista controntando a câmera que apontada para Guillermo. O jogo se dá na medida em que a arma apontada cria um desconforto para o cinegrafista e acaba quando este aponta a câmera pra si próprio. Então o jogo tem fim, em um *blackout* onde se pode ouvir o tiro. Eles pareceram um pouco angustiados, mas interessados no tom de confronto “doido”(palavra usada por “SE” sobre o “Muerte”) que o trabalho apresenta.

Terminamos a aula com um abraço em cada um.

EM TRÂNSITO – Arte e Afeto

Deixa eu contar da minha mãe. É a figura mais figura que esse mundo teve a sorte de conhecer e é parte importante do que sou hoje. Minha mãe teve uma infância difícil, mas não difícil da do “não conseguia passar em matemática”. A infância da minha mãe era difícil do tipo não ter o que comer, e nem com o que brincar. Ela só tinha os irmãos e a imaginação. Ela me conta das bonecas de sabugo de milho e dos tênis “Conga” furado que ela usava.

Minha mãe, que gosta de ser chamada por “Tita”, cresceu na pobreza, casou cedo e escolheu ser mãe em tempo integral, cheia de dedicação, teve a

segunda filha de um segundo casamento, e num susto, eu nasci, no meio de uma separação dela com o pai do meu irmão mais velho. O fato é que toda essa resignação a fez ter um coração de ouro e se manter criança até hoje (– Ufa! E que bom!). Lembro das noites que ficávamos até tarde na rua brincando. E ela era a única mãe de todos os meus amiguinhos da rua que brincava conosco. Ela era a minha heroína. Ela dançava, fazia coreografias e nos levava para dançar Sandy & Junior nos asilos para fazer mais gente feliz. Cresci sem duvidar do afeto e do olhar atento.

Percebo o Mundo e a Mim Mesmo no Mundo

Cheguei em cima da hora e um tanto *esbaforida*: fazia um forte calor na capital. Me encontrei com a turma em frente a escola. Pedi que desde já eles ficassem em silêncio e percebessem seus outros sentidos: principalmente a visão, audição e o sexto e desconhecido sentido. Após alguns minutos, o aluno AM mandou um *sms* falando que chegaria muito atrasado, então decidimos começar na ausência dele. O estímulo estava dado: perceber o mundo; ser voyer, desvendar o que nos cerca; e isso aconteceu enquanto caminhamos pelo bairro, à deriva.

Na ida fiquei observando os alunos caminhando mais a frente. JO olhava muito para o chão; DU sorria enquanto contemplava o céu; SE parecia procurar algo catastrófico e imperdível. Cada um da sua forma, observava o mundo a sua volta. Chegamos na esquina da avenida próxima ao colégio e resolvi direcionar o grupo para dentro do supermercado. O supermercado que visitamos é um daqueles que tem de tudo: de papel higiênico a cadeira de praia; de favelado a família de comercial de margarina. Entramos em silêncio e solicitei para que pensassem numa cor. Feito isso, pedi para que observassem alguém que tivesse essa cor ou, na falta da cor, alguém que lhes despertasse interesse para

praticar o voyerismo. Nos espalhamos então pelo mercado e nesse momento tentei deixá-los o mais a vontade e livres possível.

Durante todo o trajeto desde nosso *start*, ainda na escola, uma câmera foi passando de mão em mão para registros fotográficos ou áudio-visuais, a escolha do autor. Dentro do mercado a ação de observar alguém fazendo compras e registrar momentos com a câmera quando esta chegava até si, seguiu sendo feita. Tentei ficar observando de longe e algumas vezes perdi-os de vista.

Parei. Fiquei observando o moço repor o açúcar de 5kg *União*. Estava me escondendo atrás das farofas e observando a partitura corporal do funcionário sendo repetida precisamente. Pega. Levanta. Coloca. Bate. Pega. Levanta. Coloca. Bate. Ele não pulava etapas, repetia exatamente os mesmos movimentos sem perceber repetição.

Me viu.

Voltei para a observação dos alunos. Encontrei SE em um corredor cheio de amaciantes com uma máscara do *Spiderman* vendida no mercado, com aquelas etiquetas gigantes magnéticas. Ela andava como se estivesse comprando amaciantes numa pacata realidade. Após observar a tranqüilidade surpreendente que SE demonstrou no jogo que ela mesma criou, solicitei que ela me encontrasse na porta de entrada do mercado em aproximadamente cinco minutos. Procurei cada um dos alunos e fiz a mesma solicitação. Quando encontrei JO, o aluno que olhava para o chão no trajeto até o supermercado, ele olhava também para baixo, mas desta vez para uma bola de vôlei que estava acompanhada de outras centenas iguais. Pedi para que ele atentasse para as pessoas e aos poucos fosse desapegando das coisas, e que me encontrasse junto com os demais na entrada do estabelecimento.

Cheguei à porta de entrada sozinha, sendo observada com olhos curiosos pelo segurança do local, que já havia estranhado a

nossa movimentação desde que chegamos. Aos poucos o grupo estava completo, ou não, visto que AM e LE não compareceram, e partimos de volta à escola. No caminho de volta liguei o gravador e religamos o sentido deixado de lado na deriva: fala.

Segue abaixo a transcrição das percepções dos alunos, gravadas no nosso retorno até a escola (a gravação foi feita em movimento, por isso alguns áudios foram perdidos, está transcrito aqui todo o material audível coletado):

MO – “Eu observei no caminho que tinha muito movimento de carro e muita sujeira. Tinha um cachorro que tava com a cabeça pra fora do portão.”

DU – “Eu observei no estacionamento. A movimentação das pessoas no estacionamento. Cada um passa por ali, mas vai pra um lugar diferente.

Eu observei 4 pessoas. Uma era uma senhora que entrou no mercado junto com a gente e ela olhou olhou olhou ficou ali mais ou menos nos frios e pegou e saiu. Acho que ela não percebeu.

E depois era um casal e um filho, de 16 17 anos. Acho que ele era filho só da mulher. Pela fisionomia. Eles estavam procurando boias de piscina

Eu mudei minha fisionomia 3 vezes: primeiro eu tava com a máquina (câmera fotográfica), depois sem a máquina e depois com o óculos da SE. E eles não perceberam, o que mais me impressionou é que eles não perceberam. E eu fui em todos os lugares que eles foram. Eu tirei foto das cervejas, das piscinas. “

JA – “Primeiro eu fiquei observando uma senhora que tava com um vestido da cor que eu pensei, que era laranja, tem umas florzinhas laranjas. E foi meio tenso. Ela ficou ali olhando sardinha e só esravamos eu e ela daí foi estranho e eu tive que

ficar ali olhando feijoada, enlatado tipo milho verde milho milho.

A segunda pessoa acho que percebeu. Eu tentava segui ela meio ninja. Só que daí chegou uma hora que ela passou assim por mim de frente, e olhou bem no fundo no fundo no fundo dos meus olhos e parecia que ela tava com medo. Só que daí ela abaixou a cabeça e foi. E ficou aquele momento tenso. Parecia que ela tava com medo que eu fizesse algo pra ela. Parecia que ela tava morando sozinha, pelas compras. Tinha um chinelo. Um sabonete, shampoo, só coisas assim de higiene. Eu vi que ela pegava as coisas e olhava muito antes de colocar no carrinho. Ela ficou muito tempo num corredor só. E ela ia nos corredores e não pegava nada. Acho que ela estava pensando em outras coisas.”

JO - “Eu vi uma garotinha, tipo... fuçando em tudo, sora. Ela pegava uma caixa e colocava no chão. E derrubou um monte de caixa. E ela juntou porque ela viu o pai dela vindo.

Que mais te chamou atenção?”, perguntei.

“A velocidade dela quando ela viu o pai dela!”

SE - “Bom, foram dois momentos. O primeiro eu tava só de óculos e de SE e no segundo eu tava de *spiderman* (a aluna colocou uma mascara do personagem dos quadrinhos que estava a venda no supermercado).E daí quando eu tava de *spiderman* as pessoas não perceberam que eu tava olhando pra elas porque elas devem ta me achando retardada então não faz mal um retardado te olhar. No primeiro momento eu perdi 3 ou 4 pessoas, porque eu tava com medo que elas pensassem que eu tava seguindo elas e aí eu me afastava e eu acabava perdendo elas. Duas pessoas foram embora, e não deu tempo de eu observar. Eu segui uma senhora que ficou meia hora na “coisa” de feijão e eu tive que ficar olhando feijão. Eu olhei uma grávida escolhendo um varal e eu tive que

ficar olhando vassouras. E depois eu segui a DU por um bom pedaço. Ela tava tirando fotos. “

EM TRÂNSITO – Afeto e Criatividade

Nós não tínhamos muito dinheiro, e eu sonhava muito com uma casinha de Barbie. Eu sabia que não iria ganhar porque custava muito caro, por isso não insisti: sabia que “quando a mãe puder a mãe te dá!” e nunca duvidei disso. Teve um dia, era primavera e eu sei disso porque na primavera minha mãe fazia enfeites em garrafas com as Hortências do jardim e deixava na topo das escadas do pátio. Entrei em casa depois da escola e fui direto para a sala para assistir Chaves ou Chapolin, não lembro bem. Minha mãe me chamou na peça vazia que costumávamos alugar e fui correndo, pois não tinha a visto até então. Quando cheguei na peça vi uma casa completa da Barbie: cama; roupeiro; cozinha; berço; sofá.... Tudo feito com papelão, papel alumínio, papel de presente e fita adesiva para unir tudo. Ela tinha trabalhado naquilo havia semanas. Eu tive a melhor casa de Barbie do mundo! E a melhor mãe também!

EXperiência e EXposição

O dia sorria com um céu cheio de nuvens e um sol que brilhava muito, mas não ardia na pele. O dia fazia um carinho em mim enquanto me dirigia ao colégio. Cheguei à escola com bastante tempo para o início das atividades e organizei a sala: liguei o computador, o projetor e acendi um incenso. E na hora que coloquei o álbum “Sábado”, do cantor brasileiro Cícero para tocar, entrou a aluna SE correndo porta adentro. Me deu um beijo. Pedi para que sentasse no chão e ela prontamente foi largar a mochila para fazer o solicitado. “Pode levar a mochila junto”, falei. AM e JÁ chegaram juntos com a notícia que agora são namorados. DU, LE e MO foram os últimos a chegar. Todos estavam curiosos com o fato de terem levado a mochila para nosso

espaço de trabalho. Ficamos em círculo e respiramos juntos. Nos olhamos nos olhos em silêncio. O riso já aparece menos nessa atividade. Solicitei que escolhessem um lugar no espaço, tirando tudo de dentro da mochila e organizando da maneira que preferirem, como uma exposição num museu de si mesmo. No primeiro momento, houveram reações diversas, de encantamento, à receio e excitação.

Foram se expondo: de desenhos e cartas de amor a uma coleção de bottons e uma miniatura do Super Mário World, cada um organizando a sua maneira: MO expôs suas coisas de maneira bem caótica, DU organizou as canetinhas em ordem de cor e tamanho e tinha 7(sete) cadernos dentro da mochila; AM não havia muitas coisas na mochila, mas havia uma carta de amor recebida naquele dia da aluna JA que ele abriu com carinho ao lado do seu caderno; JA tinha uma quantidade enorme de notas fiscais às quais ela abriu uma por uma e organizou-as uma ao lado das outras; JO tinha três cadernos e uma folha solta. A música seguia tocando.

Após o término da organização do museu pessoal, solicitei que deixassem uma caneta e uma folha ao lado da exposição e abandonassem suas coisas para visitar os outros museus. A cada museu visitado, se deixava alguma impressão no papel. Cheguei ao museu do JO e olhando suas coisas mirei algo que me chamou atenção: uma folha com muitas palavras e frases curtas circuladas. Entre elas “obrigado por me chamar pelo nome”; “amor”; “não sou macaco”, todas as frases e palavras dentro de um círculo forte feito e refeito e refeito com a caneca. Após alguns minutos voltamos ao nosso museu e nos debruçamos sobre as impressões de quem olhou para o interior das nossas mochilas.

“O que essas impressões dizem de nós?”; “Quais outras impressões o interior da nossa mochila pode dizer de quem somos?”; “Aquilo que odiamos aparece de alguma maneira?” Com esses

questionamentos como estímulo para a escrita de um parágrafo, nos despedimos.

EM TRÂNSITO – O afeto desdobrado em prática

Outros acontecimentos da minha infância são cruciais para eu chegar até a essa pesquisa, e antes disso, chegar a arte. Digo “chegar” porque na minha família, e eu digo por mim também, antes de ter contato com o mundo acadêmico, o teatro era estar na televisão, é ser Marisa Orth ou Fernanda Montenegro. Admiro demais essas artistas, mas não é um desejo meu hoje, trabalhar na TV. Mas desde bem pequena dizia e repetia, talvez por influência da minha mãe, talvez não, que quando crescesse seria atriz. Não sei se isso foi alguma bengala ou não, sei que minha infância foi cheia de apresentações de dança, de canto e de peças curtas em asilos ou creches carentes que minha mãe produzia. Minha mãe foi minha assessora sem saber. E me proporcionou a escola da prática, do afeto, da doação, acima de tudo. As apresentações eram sempre sem fins lucrativos, em eventos de caridade ou festas de fim de ano em instituições carentes.

Brainstorm: As Coisas Pessoais Também São Políticas

Cheguei a escola e ela estava deserta. Não haviam me falado que era dia de assembléia dos professores. Mesmo assim adentrei a escola e me alojei na sala dos professores. Avisei aos alunos que estaria esperando por eles lá e aguardei a chegada deles. DU e SE chegaram com seus almoços em mãos: um Mc Lanche Feliz que as fez felizes por conta do brinquedo que vinha com o lanche: Um pequeno Mário e a princesa do Super Mário World. Enquanto comiam conversamos sobre nossos experimentos. SE se mostrou muito confusa em relação ao que fazer, e trouxe ao invés da idéia, um texto falando sobre o que ela não gostava no mundo. “As pessoas acham que sou algo que não sou. Esperam que eu seja a pessoa que

elas esperam.” Durante a conversa ela fala sobre a forma que sua homossexualidade é vista perante seus pais e o quanto isso a deixa confusa e magoada.

JA, AM e LE chegaram, com a notícia que JO e MO não viriam a aula. DU apresentou uma ação: um balão furado por uma faca. Em conversa com o grupo a ação foi transformada para: encher balões, amarrá-los de maneira que se transforme em um tipo de capacete inflável que cubra todo o rosto dela. Depois de estabelecida a imagem, mãos externas ao vídeo aparecem com instrumentos furando cada balão. LE quis falar sobre descaso das relações contemporâneas com a ação de mexer no celular incessantemente enquanto alguém (a câmera) tenta sem sucesso, dialogar com ele. JA se mostrou confusa sobre o que escolher. AM estava com muitas idéias então, decidi fazer um *brainstorm* na mesa da sala dos professores, para incitá-los a fazer a livre associação de idéias.

Partimos do texto escrito por SE selecionando frases e palavras que saltavam aos olhos. A partir disso, a aluna chegou a conclusão que queria falar sobre expectativa x realidade, projeção de identidade. DU deu a ideia de transformar metade do rosto de SE em exatamente aquilo que os outros esperam dela: que seja feminina e recatada e a outra metade seja exatamente como ela quer se mostrar para o mundo.

Seguimos no nosso *brainstorm* e AM colocou que o que o incomoda é o caráter descartável que tem as relações do mundo. Fluxo de pensamento, palavras jogadas na mesa: “Lixo. Corpos de barbies no rio. Uma mosca tentando atravessar o vidro da sala. Surdez.”. AM mesmo, a partir disso falou na imagem de quando ele tenta falar com alguém que está usando fones de ouvido, e o quanto o incomoda o fato dele estar ali, se doando pro momento enquanto o seu suposto ouvinte se faz ausente e surdo. A imagem

veio de AM mesmo: a imagem de alguém falando sem parar. Mas o som não sai da boca, só se escuta uma música pop.

Ainda faltava JA decidir sobre o que gostaria de expor pro mundo. Questionar no mundo. Ela falou sobre o erro. Instiguei-a a pensar em certo e errado. “O que é certo? O que é errado”, perguntei. “O que é certo pra mim, pode não ser certo pra ti.”, ela respondeu. “E sobre ações que carregam esse peso de certo e errado?”, questionei. “Se eu quebrar uma xícara, é errado. Minha vó vai me xingar!” Então DU interrompeu: “E se tu colar essa xícara de maneira que não se pareça uma xícara, vai ser errado. Mas pode ser um errado bem mais bonito.” Então JA se apropriou da ideia de DU e decidiu fazer sobre “coisas que fogem o padrão mas são especiais”, palavras da aluna.

Fomos juntos até a parada do ônibus. Acho que somos mais que alunos-professor. E isso é mais que eu poderia imaginar.

EM TRÂNSITO – Infância e Ritual

Estar no palco em troca de sorrisos, palmas e gargalhadas me fez crescer sentindo essa necessidade do intercâmbio – real e instantâneo – com o espectador, com o outro. Pelo afeto. Acredito que essa necessidade se estenda também para minha relação docente. É preciso também estar inteira e disposta para que os processos de aprendizagem aconteçam, para que os alunos se sintam a vontade para uma maior entrega num processo artístico.

Assim, crescendo em meio a *covers* de Sandy & Junior e dias de Noelete (ajudante de papai Noel, Noel esse que era a minha mamãe), a brincadeira e a ludicidade foram bastante presentes na minha vida, e se tornaram parte importante da minha identidade, e de como eu lido com o mundo. Sempre fui uma criança que inventava rituais, uma adolescente que procurava sentir a vida na sua plenitude, mesmo que escrevendo em um caderno e tomando um copo de leite gelado enquanto escutava um cd em

looping de madrugada. Sempre inventei mundos que acreditava por mais *non sense* que eles fossem.

CatarZe *in video*

Quando os alunos chegaram já tocava Meredith Monk a todo o vapor: era dia de gravação. SE e DU trouxeram o material para suas ações performativas. A atividade se dá em grupo: há sempre aquele que performa, que escolheu o discurso, aquele que filma, e os demais auxiliam na produção. A edição é feita pelo performer.

Auxiliei a aluna SE com seus materiais. Ela queria um vídeo para projetar no seu corpo enquanto ela fazia sua ação e AM sugeriu um vídeo das princesas da Disney. Com esse vídeo ela fez sua ação que consistia em, em um primeiro momento olhar para a câmera e tirar sua blusa, após isso JA entra no quadro da filmagem para vestir a colega com um vestido. As intervenções vindas de fora, feitas pelas alunas JA e DU seguiram: rímel nos cílios, batom e sombra na pálpebra dos olhos. Saíram de quadro. SE encara a câmera e depois de um tempo arranca o vestido, borra a maquiagem e coloca calmamente uma camisa social preta e uma gravata preta. Coloca o seu relógio de pulso prateado e seu óculos de grau. Olha fixamente para a câmera.

DU foi a segunda aluna a gravar o vídeo. Com auxílio de todos os colegas enchemos vários balões. Ela vestia uma camiseta preta dos Beatles e parecia ansiosa. Para projetar em si quis uma imagem psicodélica e eu zapeei uma imagem no youtube. Com aquela imagem congelada começamos a gravar: ela encheu alguns balões em frente a câmera e paramos de gravar. Juntamos todos os balões como uma grande cabeça e DU a colocou em frente ao rosto. A gravação voltou a ser feita e a intervenção começou após

alguns segundos: a aluna SE entrava em cena, ou melhor, apenas sua mão munida de uma faca de cozinha e furava um balão. De um lado, de outro, por baixo, devagar, rápido... até que todos os balões estivessem estourados e a imagem da aluna voltasse a aparecer. A gravação acabou depois de um longo olhar da DU para a câmera.

Muito interessante observar o envolvimento dos alunos nessa aula. Eles estavam em estado de jogo, completamente envolvidos. Já não havíamos mais tempo para gravar as outras ações, então para prosseguirmos com o trabalho marcamos um horário alternativo, fora do nosso semanal. Combinamos que os alunos LE e AM seriam os próximos alunos a gravar suas ações. Com o horário estourando, nos despedimos novamente na parada do ônibus, como na nosso encontro anterior. Nesse ponto realmente já viramos amigos.

EM TRÂNSITO – Agora eu era...

Tinha uma brincadeira.

Eu brincava muito com um menino que tinha uns dois anos a menos que eu. Minha mãe cuidava dele enquanto a mãe do garotinho trabalhava. O nome dele é Nado e hoje ele é economista e um gênio. Grande parte das minhas memórias de infância incluem ele como personagem principal. Essa brincadeira... a fazíamos muito. Falávamos inglês. Mas não apenas falávamos: éramos estrangeiros e tradutores ao mesmo tempo. Algo como: Eu falando: "howhowhowhuwhiw??... Eu falei Como está você???" e ele respondia "Howhowhowhiwhhuwhiw! Eu disse Tudo bem e contigo?" e seguíamos na mesma brincadeira até cansar. Brincávamos muito disso. Hoje tenho 23 anos e ainda não falo inglês. Bom, o Nado fala então, metade de nós dois não precisa mais de tradução! Essa brincadeira exemplifica o quanto eu acreditava(ou ainda acredito) nas invenções. Nos rituais inventados...

Havia um ritual.

Isso acontecia sempre. O Nado também está nessa história... Assistíamos juntos vários programas da TV: Chaves, Chapolin, Xis Tudo, e sempre que assistíamos “Castelo Rá-tim-bum” tinha uma regra. A regra era a seguinte: durante toda a abertura podíamos nos arrumar no sofá e quando começasse o programa não podíamos mais nos mexer até a hora do comercial. A gente mal respirava. Mas lembro da sensação de participar da brincadeira. Eu adorava aquela brincadeira. Era o nosso rito sem mito. O problema é que quando tinha plic-plac¹ no sofá ficava muito difícil não se mexer!

CatarZe in vídeo II

Como esse encontro foi desvinculado das combinações com a escola, conseguimos uma outra sala para nossa atividade, e para nossa sorte, era a sala de teatro. O aluno JO é monitor da sala e logo que chegou na sala já sabia onde estava tudo e ajeitou as luzes da sala para as ações dos colegas. Ficamos todos, inclusive eu, maravilhados com as novas possibilidades trazidas por esse espaço diferente do costumeiro. Figurinos, spots, biombos e cortinas. Juntamos biombos e cortinas e fizemos uma cenografia para o vídeo dos meninos. As luzes foram ajeitadas por JO a gosto de cada aluno-performer.

Começamos com a ação de AM que consistia em um primeiro momento filmá-lo conversando, com estímulo externo da aluna JA, e após isso a imagem do aluno escutando música com grandes fones de ouvido. Esse vídeo é interessante porque o discurso dele só é visível a partir da mixagem, da edição. Ele recortou o vídeo de maneira que ele dialoga com ele mesmo, mas não se escuta nenhum texto, apenas a música dos fones de um dos ‘eus’ dele.

Após a desprodução do espaço, partimos para a gravação do vídeo do aluno LE que tinha como ação “conversar com alguém que

mexe no celular o tempo inteiro”. Foram feitos 3 takes: o primeiro no primeiro plano com o aluno conversando com a câmera; o segundo no primeiro plano com o aluno mexendo no celular e às vezes olhando para a câmera; e o terceiro a imagem se dá em primeiríssimo plano, com o olhar de quem mexe no celular, hora focando no aparelho telefônico, hora olhando para LE. Esse trabalho, assim como o do aluno AM, se fortalece enquanto discurso a partir da mixagem das imagens.

Fiquei até mais tarde nesse dia, arrumando o espaço com o aluno JO que disse que sente saudades quando não é dia de aula.

EM TRÂNSITO – Agora eu... já não sou mais o que um dia fui

Me lembro de um réveillon.

O século estava prestes a mudar e, mesmo sem saber o porque, eu olhava pro céu indo para a ceia, dentro do carro, e pensava na efemeridade daquele momento, mesmo sem saber o que significa efemeridade na época. Pensava nos números diferentes sendo escritos no canto da folha do caderno e os 1990epoucos sendo levados pra longe junto com as minhas experiências e memórias mais recentes. É a lembrança mais antiga de sentir o aqui-agora. A sensação de infinitude do aqui-agora.

Quando, ao longo dos anos, tentava explicar essa sensação pulsante de existir, as pessoas não conseguiam entender, talvez pelo fato de eu mesma não conseguir ilustrar toda a força dessa sensação com palavras. Mas esse “maravilhamento” seguiu presente na minha vida, aparecendo nas minhas atividades e relações. Naquela noite eu tive medo de crescer.

CatarZe in vídeo III

Nos reunimos na biblioteca para a aula de edição de vídeo: AM, SE, DU e LE. Sentamos no cantinho leitura e ligamos nossos computadores. Havia uma reunião de conselho escolar em uma das mesas da biblioteca, mas em nenhum momento houve problemas com a dupla ocupação do espaço.

Juntos mexemos em um programa de edição de vídeo e editamos o vídeo da DU, para exemplificar mixagens e efeitos possível e o que essas escolhas causam no discurso da ação de cada aluno. Solicitei que cada um trabalhasse em sua obra e me enviassem suas vídeo-performances por email para a exposição áudio-visual da escola. LE me informou que JO não poderia mais vir a aula e havia esquecido de me avisar. Encontrei JA na saída e a indaguei sobre seu trabalho, que não fora gravado. “Eu vou gravar outro, ‘sôra’! O que eu fiz ficou muito ruim!” E eu, surpresa com o trabalho dela fora da sala de aula a incentivei a trabalhar com algo que ela realmente ache que faz parte dela, e que esse trabalho necessita dessa sinceridade consigo. E solicitei que me enviasse por email o trabalho finalizado, assim como os demais.

Relatos Catárticos

“Foi difícil expor minhas coisas para os colegas. É estranho ver as pessoas me descobrindo pelas coisas que levo na mochila. É tipo tirar minha parede de bloqueio. Quando a professora Keka estava olhando para foto do meu bisavô, eu estava olhando pra ela naquele momento e senti que ela tinha minha vida nas suas mãos.” AM

“Um sentimento bom de invasão. Porque eu não quero que me conheçam, mas ao mesmo tempo eu quero. É bom e é ruim. É louco, é ‘da hora!’” SE

“A DU tem os mesmos medos que eu. As pessoas não deixam ela ter autonomia, ela briga com o mundo pra ser quem ela realmente é.” **JA**

“Eu tive que fazer o MEU PRÓPRIO personagem no CatarZe-Me. Diferente das aulas de teatro com a professora Neusa. É bem mais difícil fazer meu próprio personagem; um personagem de mim mesma porque eu to dizendo o que eu quero dizer e isso é difícil porque não acontece normalmente... as pessoas não querem saber.” **SE**

“Sobre performance. Não tem um limite pra dizer o que é uma ação normal e uma ação de performance. O que faz a performance ser performance é ser mostrada pra alguém. Tem que ter um público. E não estou fazendo de conta que faço a ação. Eu estou “bebendo água”, não fingindo que estou. Tem que ser real!” **SE**

“Foi difícil achar uma ação que representasse bem o que eu queria. A gente achou essa ação e foi bom, representou bem o que eu quis falar. Foi importante pra mim. Provei de sentimentos que eu não conhecia.” **DU**

“No teatro tem um tema que se impõe... no CatarZe-me tudo sai da gente...é o “Vômito Poético”, como a professora diz. A gente não é ensinado... é colocar pra fora o que tu é por dentro. Qualquer coisa pode ser performance, desde que seja verdadeiro, que tu sinta. Não é fazer algo que tu não tem nenhuma relação com o que tu tá mostrando. Tem que ser real.” **JA**

“Essa experiência foi ter uma outra visão, ou mais uma visão de outras formas de demonstrar nossos sentimentos. Eu consegui ver como as pessoas veem e como elas querem ver a sociedade. CatarZe-me) abriu, arreganhou, ampliou minha visão, meu modo de ver as coisas ruins e boas. Fora a emoção, o prazer que dava a cada aula. Uma certa “ânciosidade”, curiosidade de saber o que ia ter de aula, qual novidade meio que fora da realidade.” **LE**

EM (TRÂNS)ITO - TRANSFORMO TRANSMUTO TRANSCRIO

Cresci e entrei na universidade, e a experiência da necessidade de experimentar outras existências e inventar verdades, de transcender o óbvio, permaneceu em mim. Nesse sentido que a performance arte entra na minha trajetória de maneira irreversível. A performance art é um gênero artístico que permite que uma mesma obra funda teatro, dança, poesia, cinema e artes visuais, mito, erudito e popular. A performance foca justamente na tensão entre arte e vida priorizando não o produto, mas o processo – a efemeridade, o potencial de intensidade e pluralidade de interpretações da obra.

A *performance art* é um gênero que de arte que possibilita que uma mesma obra funda teatro, dança, poesia, cinema e artes visuais.. O performer, para PAVIS é “um autobió-grafo cênico que possui uma relação direta com os objetos e com a situação de enunciação (PAVIS, 1996, p. 284).” que questiona tudo o que é dado como natural (MOMBAÇA,2012), que relativiza os códigos sociais e, até mesmo, biológicos, que enfoca uma ação transgressora (GLUSBERG,2009,p.71). O performer não apenas coloca propositalmente pedras no seu sapato, mas usa sapatos de pedra para que outros fluxos e outras maneiras de percepção e relação possam circular. (...) A convocação da performance é justamente esta: posicione-se já: aqui e agora.”(FABIÃO,2008,p.243)

Pode-se dizer que numa classificação topológica, a performance se colocaria no limite das artes plásticas e das artes cênicas, sendo uma linguagem híbrida que guarda características da primeira enquanto origem e da segunda enquanto finalidade(COHEN,2007,p.30). Como trabalha com o corpo vivo, pulsante e pensante, a performance conversa justamente com as idiossincrasias – é o artista exposto enquanto ser humano. Segundo René Berger, deve

[...] mostrar não o homo sapiens – que é como intitulos do alto do nosso orgulho – e sim o homo vulnerabilis, essa pobre e exposta criatura, cujo corpo sofre o duplo trauma do nascimento e da morte, algo que pretende ignorar a ordem social, *ersatz* da ordem biológica (apud GLUSBERG, 2009, p. 46).

Assim, o corpo por si só é próprio “produto semiótico e seu discurso é natural e, com efeito dessa infra-estrutura simbólica, deve-se chegar a uma forma de discurso suscetível de decodificação e interpretação”(GLUSBERG, 2009,p.92), ou seja, o corpo em foco, já tem em si próprio, diversos significantes que se multiplicam com a intenção do artista, com os objetos com que ele se relaciona, dialogando com a cultura na qual ele está imerso.

Richard Schechner organiza a arte da performance em uma tríade de operações do performer, que se divide em:

ser/estar (“being”), ou seja, se comportar (“to behave”); 2. fazer (“doing”). É a atividade de tudo o que existe, dos quarks aos seres humanos; 3. mostrar o que faz (“showing doing”, ligado à natureza dos comportamentos humanos). Este consiste em dar-se em espetáculo, em mostrar (ou se mostrar). (FÉRAL, 2009. p.200).

“Ser”, “fazer”, e “mostrar fazendo”. São os três verbos que, para Schechner, são essenciais em obras de arte performativas e o desafio constante não só nesta arte, como na rotina de qualquer sujeito contemporâneo, frente à simultaneidade e fluidez da informação dos tempos atuais, é estar no tempo presente: é ser/estar – o primeiro verbo de Schechner. Para alcançar tal objetivo, performers se apropriam de atividades diversas, desde ioga às artes marciais, de bioenergética, à mimese teatral, e também outros elementos híbridos como fundamentadores para o processo artístico.

No grupo teatral brasileiro Teatro da Vertigem, por exemplo, o trabalho de criação é organizado em quatro modalidades: “vivência, sempre pontuado com atividade de escrita automática; a improvisação (sem preparo a partir do tema pesquisado), os workshops (cena-resposta à uma questão lançada criada de um dia para o outro) e as visitas (pesquisas de campo).” (FABIÃO,2008,p.242). Essa forma de criação sugere uma maior liberdade para o caráter de não-intencionalidade da arte, e permite a busca pelo desconhecido. Se “disciplina é envolvimento”(SPOLIN) há aprendizagem, sem sombra de dúvida, nas criações a partir desses dispositivos que exigem o envolvimento de corpo e mente do artista. É a imersão em uma situação dada; é o campo livre para resgatar o olhar oblíquo de quando se era criança. Se jogar no abismo da criação pode fazer emergir facetas de si mesmo que antes eram desconhecidas, mas que vem a margem de maneira autêntica pelo gesto do desvendamento. (ANNEMARIE, 2012,p.193)

“A busca do desenvolvimento pessoal é um dos princípios centrais da arte da performance(...) como um palco de experiência ou de tomada de consciência para utilização da vida. Nele não vai existir uma separação rígida entre arte e vida.” (ANNEMARIE,2012,p.104). É com esse intuito de tensionamento entre arte-vida que desenvolvi a prática dessa pesquisa, na intenção de propiciar um encontro com o desconhecido que mora em si, para cada participante, de maneiras e intensidades diferentes e se debruçando sobre esses processos de auto-relativizar-se através das práticas. Com o objetivo de resgatar o caráter místico da arte dramática, o meu desafio é proporcionar um espaço onde se possa canalizar alguma quantidade de energia reprimida, e transformar em processos de criação onde é possível libertar esse outro eu (ou alguns dos vários que me habitam), vomitando em forma de arte, liberando, “como diz Artaud, as ‘potências vitais’ do homem. A arte, e todo o processo de salto de conhecimento, deve constituir-se de uma parcela de não intencionalidade, de não liberação. É necessário penetrar o desconhecido para descobrir o novo”(COHEN, 2007 p.62).

A performance arte, é ainda, mais calcada no questionamento do que nas respostas. Guillermo Gómez-Peña, artista mexicano, residente nos Estados Unidos há mais de 25 anos, dialoga com isso quando afirma que o “trabalho (do performer) seria abrir uma caixa de Pandora do nosso tempo, bem no meio da galeria, no teatro, na rua, ou na frente da câmera de vídeo, e deixar que os demônios dançam” (GOMÉZ-PEÑA,2005,p.206) e esse apontamento reflete o quanto a arte da performance tem de efêmera. É a arte que não há uma só forma, uma fórmula, uma receita para se fazer, mas dialoga necessariamente com a cultura legitimada através de signos e símbolos sublinhados ou paradoxados ou hibridizados na obra, que se correlacionam com cada artista e com o público, e que resulta em reflexões individuais e intransferíveis. Quanto maior a identificação da performance com o espectador, mais legitimação a ela é agregada. Ou seja, quanto mais catarse houver, mais concreta ela é. Ela se preocupa mais na experiência do que nos resultados, mais no processo que no produto. O recriar-se, renovar-se. Evacuar os intestinos para renascer.

Há uma acentuação do instante presente na performance, trazendo a tona a característica de rito, fazendo o público também deslocar sua função de espectador para participante, em outra frequência daquele que vive a performance, evidentemente, em comunhão com o acontecimento no aqui e agora. Tomando-se aqui a dialética freudiana, a performance caminha mais em cima do princípio do prazer, dionisíaco, do que do princípio de realidade, apolíneo(COHEN,2007p.62), exigindo o fenômeno do acontecimento para que seja legítima.

Experimental. Fazer uma travessia e se jogar no desconhecido. Experiência é ser tomado por um acontecimento. Mais que isso, ser atravessado e transformado por um acontecimento. Ser tocado. Essa é a função da arte da qual tanto me apego e direciono pra própria formação moral de cada aluno-performer. Porque professores de arte devem ser facilitadores do pensar, de relativizar o mundo, de instigar o exercício da autonomia. Performers são, antes de tudo, “*complicadores culturais*” (FABIÃO, 2008). Educadores da percepção que “ativam e evidenciam a latência paradoxal do vivo – o que não para de nascer e não cessa de morrer, simultânea e integradamente. Ser e não ser, eis a questão; ser e não ser arte; ser e não ser cotidiano; ser e não ser ritual.” (FABIÃO, 2008,p.237)

REMATE EM MOVIMENTO

“Começo aqui.

E meço aqui e esse começo. E recomeço. E remeço e
recomeço e por aqui me meço

quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a
viagem mas o começo da
por isso meço. por isso começo

Onde o fim é o começo.

E por isso começo.

Descomeço pelo descomeço.

Desconheço.

E me teço.

onde tudo seja.

Não esteja.

Seja.

Por isso começo

porque a viagem

é o começo da

E volto e revolto
e na volta

recomeço.”

(Fragmentos do Poema Galáxias de Haroldo de Campos)

Chego ao fim? Não, creio que não. Não há o que concluir. Conclusões limitam, codificam e engessam. Não há produto, há resquícios de. Não há certezas, mas mais questionamentos do que no princípio. Não há alívio em mim. Na epiderme ouriçada retumba a dúvida, a inquietação, a coceira que não me permite concluir nada. Não há o que concluir além da certeza de que não há conclusão. Esse é o início. É o fim e o começo. E é o nascimento de algo que germinou em mim e que agora sinto as dores do parto.

Brotou de mim algo que me é estranho e não me pertence: mas pertence a todo aquele que se depara com ele.

E começa a tomar forma quando o espelho se depara com ele.

E todo e qualquer ser que se depare com ele, se depara consigo, e se torna incontestável a sua forma não-forma, multifacetada, polissêmica. Anamorfa. Anticodificação.

Consigo senti-lo em mim, isso que surge nessas linhas, a meu modo, um feto desenvolvido, ainda morando e crescendo em mim. Estreou, nasceu, surgiu – mas não é palpável. E nem se pretende ser. Torço para que cresça e tome rumos que desconheço. Que encoste no outro. Em você. E em quem você direcionar o olhar e a escuta. E que volte pra mim de alguma forma, num fluxo constante de troca viva. Troca viva, trânsito contínuo sem necessidade de pedir permissão. Que os nós sejam atados à livre e espontânea empatia e que aconteça com qualquer sujeito que se disponha a cambiar. E que haja mais disposição pré-disposição pós-dEXposição a isso. Que o espaço do aqui-agora abraça humanidade, e que cada vez mais seja possível a construção de um lugar não-lugar, um aceite de um tempo *kairós*. Que se possa falar sobre tudo, sobre qualquer coisa e sobre coisa nenhuma.

E que esse não-lugar seja na relação entre mim e o outro. Que se faça cada vez mais necessária para além das escolas de teatro, para além das fronteiras cartográficas, para além-corpos. E cabe a nós, a mim e a ti que me lê, rompermos com as fronteiras invisíveis do mapa e da cultura para acionarmos uma nova forma de posicionamento frente ao que nos cerca.

O essencial a ser dito aqui é que

REFERÊNCIAS

- BROOK, Peter. **A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro**. 2.ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000
- CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade** – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. 2.ed. – São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da Cunha. Cultura Visual e infância. **Pedagogia da arte. Entre-lugares da criação** (org. ICLE, Gilberto). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010
- DEGRANGES, Flávio. *O efeito estético: Finalidade sem fim*. **Revista Urdimento**. Florianópolis. Set/2011
- FABIÃO, Eleonora. *Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*. **Revista Sala Preta** v.8 p. 235-246 2008
- GAMA, Joaquim. Produto ou processo: em qual deles estará a primazia? **Revista Sala Preta**. n.2 São Paulo : ECA/USP, 2002
- GERBASE, Carlos. **Cinema: primeiro filme**: descobrindo, fazendo, pensando. - Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. En defensa del arte del performance. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol.11, n. 24. pp. 199-226, 2005.
- ICLE, Gilberto. Diagnóstico e terapêutica: o professor-ator contra a banalização. **Pedagogia da arte. Entre-lugares da criação** (org. ICLE, Gilberto). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010
- LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. São Paulo: Cosacnaify, 2007
- MATZKE, Annemarie M. De seres humanos reais e performers verdadeiros. **Revista Urdimento**. Florianópolis: n.18 p. 190-196 mar/2012

MOSTAÇO, Edécio. Conceitos Operativos nos estudos da performance. **Revista Sala Preta**. V.12. n.2. p.143-153 São Paulo dez/2012

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e Arte: Sentidos e Práticas Possíveis**. Florianópolis: UFSC. 2011. Acesso: 08/14 Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>

OTTONI, Paulo Roberto. **Visão Performativa da linguagem**. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1998

PAVIS, Patrice. **A Encenação Contemporânea** : origens, tendências, perspectivas – São Paulo: Perspectiva, 2013

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 3.ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011

SAGAZAN, Olivier de. INTERFACES DACARNE: entrevista com Olivier de Sagazan. **Revista Urdimento**. N.19 Nov/2012

SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. London and New York: Routledge, 2003

TORTORA, Michele. **Sinestesia na Arte: Objetos Relacionais de Lygia Clark como método de ensino e aprendizagem**. Chapecó: UCRC, 2011. Acesso: 08/14 Disponível em: <http://www.unochapeco.edu.br/static/data/portal/downloads/1577.pdf>

